Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica **Class.:** 717

Data: 03.06.88 **Pg.:**

"PURA FANTASIA"

4468

Roland Stevenson não crê em Tatunka Nara

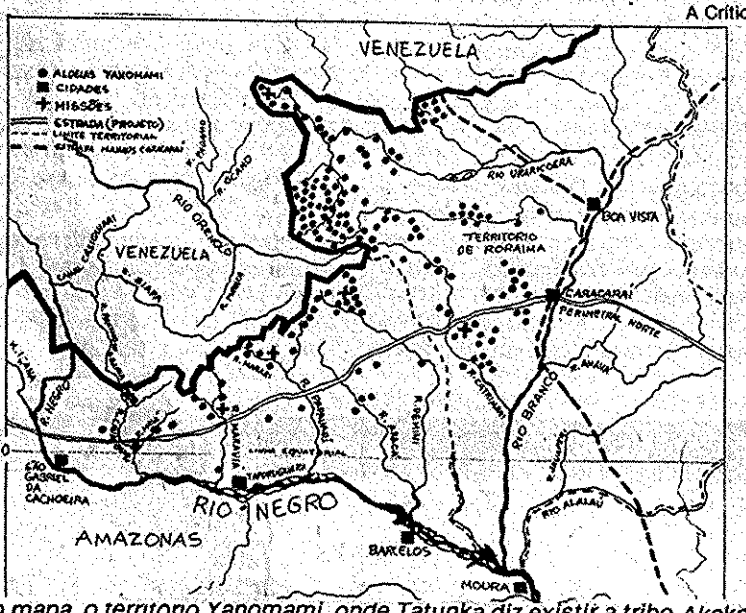
Embora afirmando não ter nada contra a pessoa de Tatunka Nara, figura que conhece e inclusive já visitou sua casa, o pesquisador Roland Stevenson, que estuda os Yanomamis, índios nômades, da região do alto rio Negro, desde 1977, afirmou ontem que essa história do suposto índio sobre a existência, na área dos Yanomamis, de uma tribo que vive em subterrâneos, no alto do rio Padauari, denominada por ele de tribo "Akakor", da qual ele diz ser descendente do tuxaua Ugha Mongulala, não passam de fantasias criadas por Tatunka Nara.

A exemplo do que afirmou o indigenista da Fundação Nacional do Índio (Funai), João Mineiro, recentemente publicado pela imprensa local, de que naquela área, os únicos índios que a habitam, são da tribo dos Yanomamis, Roland Stevenson, que tem contato há 10 anos com esses índios, estudando seus hábitos e costumes, garante que essa suposta tribo Akakor, nunca existiu na área, por informações dos próprios Yanomamis.

Se a tribo citada por Tatunka Nara, existisse realmente — afirma o pesquisador —, os Yanomamis a conheceriam, pois são índios nômades que conhecem praticamente toda a região onde habitam, e nunca nenhum deles fez qualquer referência a essa civilização subterrânea.

"Não tenho nada contra Tatunka Nara" — reafirma Roland, gostaria apenas de esclarecer uma situação fantasiosa criada por ele, para enganar turistas, ansiosos por aventuras perigosas, e solidificar ainda mais as declarações de indigenistas e representantes da Funai: a tribo "Akakor" nunca existiu.

A Crítica



No mapa, o território Yanomami, onde Tatunka diz existir a tribo Akakor

Mapa etno-histórico desmistifica tudo

O mapa etno-histórico de Curt Unkel, antropólogo natural de Jena, Alemanha, é que vem comprovar a "história folclórica" do pseudo índio amazonense Tatunka Nara, da tribo Akakor, filho de chefe Tuychaua Ugha Mongulala. A afirmação é do professor de Folclóre do Senac, Roberto Zuazo, reafirmando a inexistência das tribos indígenas propagadas por Tatunka.

Segundo Zuazo, o antropólogo foi um profundo conhecedor dos povos aborígenes que habitam o Brasil e desde quando aqui chegou (1903) se dedicou de corpo e alma a estudar a fundo a filosofia de vida e aspectos culturais e linguísticos de nossos índios, contribuindo com suas pesquisas para escavações arqueológicas em várias regiões do Brasil.

Curt Unkel trabalhou para o Serviço de Proteção do índio — SPI chefiado pelo coronel Rondon e em 1913 mudou-se para a Amazônia onde estudou os índios: Tembes, Urubus, Timbiras, Botocudos, Tukuna, Wanana, Dessano e Baré. Como membro do SPI, atuou na pacificação dos índios parintintins, habitantes do rio Madeira.

Zuazo confirma que o pesquisador fez um levantamento completo dos índios da região amazônica, bacia do Amazonas e do Rio Negro, com mais de 50 obras publicadas em idioma alemão, sendo que em nenhum de seus trabalhos ele faz alusão às tribos Akakor e Uga, habitantes do alto Rio Negro, como afirmou o suposto índio Tatunka.

Antes de sua vinda para a Amazônia, o antropólogo conviveu com os Guaranis, a Oeste de São Paulo e Sul do Mato Grosso, tendo uma vivência de igualdade com os índios. Conta Zuazo que as aldéias indígenas o acolhiam como um parente, amigo de confiança que francamente comungava de seus sentimentos e tinha o direito de conhecer os segredos das práticas de cerimônias religiosas. Curt Unkel foi iniciado como membro da tribo e discípulo dos pajés e sua vivência com os aborígenes foi tão sincera que os próprios índios resolveram batizá-lo de Kurt "Nimuendaju" que em guarany quer dizer — aquela pessoa que sabe construir seu próprio lar, ou aquele que está apto para viver em qualquer circunstância ou localidade.

Auto-Didata Curt Unkel não frequentou nenhuma universidade na Europa e mal terminou o curso ginasial, preferindo seguir uma vida aventureira — disse Zuazo acrescentando que embora Unkel fosse desprovido de conhecimentos universitários intitulou-se um auto-didata nato.

O pesquisador trabalhou para o Museu Paulista sob a direção de Herman Von Ihering, foi sertanista e antropólogo do SPI e realizou várias expedições por conta própria ou em missões de Museus Nacionais e estrangeiros, entre eles o "Smithsonian Institute" de Washington, museus de Paris, Berlim, Gotemburgo, associações e instituições como a Carnagie University da Califórnia, EUA.

Segundo Zuazo, Unkel percorreu todo o Norte e parte do Nordeste e dessas expedições resultaram inúmeros trabalhos de etnologia, lingüística e arqueologia.

Seu primeiro livro foi editado em Berlim, Alemanha em 1914 e falava sobre a concepção religiosa da criação do mundo e destruição dos índios Apapocuva-guarani, obra que foi considerada o clássico da literatura etnológica.

Unkel faleceu em dezembro de 1945, no rio Solimões, quando estudava os índios Tukunas. Deixou mais de 50 obras e trabalhos publicados em idioma alemão, traduzidos par o inglês. Zuazo explica que no idioma "Tupiniquim, somente alguns artigos foram publicados, por falta de interesse das autoridades competentes, sendo praticamente nula a divulgação de suas obras. Além desses estudos, o pesquisador deixou uma série de manuscritos inéditos, atualmente em poder do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

"Os manuscritos que se encontram no Museu Nacional estão à espera de que um dia os políticos se conscientizem da importância da memória de nossos antepassados, que hoje se encontra arquivado em idioma alemão, sem que os brasileiros conheçam suas origens, o que permite que pseudos-indígenas, como Tatunka Nara, propaguem histórias sem fundamento", concluiu Zuazo.